

A ética culturalista de Miguel Reale

Prof. Dr. José Maurício de Carvalho
(UFSJ – São João del-Rei – MG – Brasil)
mauricio@ufs.edu.br

Resumo: Nesta comunicação examina-se a ética culturalista de Miguel Reale. O ponto de partida é estudo do bem que, como valor, constitui a moral. Para representar os objetos morais da consciência o filósofo elabora uma teoria de objetos, cujas características se enumera. Os valores servem de guia tanto para a construção da vida singular, quanto para dar uma referência objetiva para a vida no espaço cultural. A questão central da ética realiana é a tensão entre a vida pessoal pautada em escolhas e o reconhecimento de valores nucleares com sentido de universalidade que lhe servem de referência última.

Palavras-chave: Moral; Valores; Objetos culturais; Culturalismo; Referência.

1. Considerações iniciais

Esta comunicação avalia a ética culturalista de Miguel Reale. Parte-se da caracterização de um modelo ético que toma o bem como valor e não como objeto final da Ética. Segue-se a exposição dos aspectos marcantes da axiologia realiana, incluída a teoria dos objetos e a caracterização dos valores. Indica-se, em seguida, que a vida humana, nesse modelo ético, é feita de escolhas orientadas por valores e que elas ficam dificultadas nos momentos de crise da civilização. Aponta-se a confiança de Reale de que mesmo nessas crises os valores centrais da cultura resistem, pois uma vez reconhecidos permanecem e funcionam como referência para a sociedade e o sujeito singular. Com Reale aquele entendimento de pessoa como valor posto por Max Scheler, entendida como unidade de agir a partir da consciência da identidade, amplia-se pelo reconhecimento cultural e se objetiva nos institutos legais. Assim se consolida na cultura o que Scheler propunha pelo reconhecimento da condição espiritual do homem: a pessoa é o valor de todos os valores. No final da comunicação se mostra que a tensão entre subjetividade e transcendência que marca as éticas existencialistas se torna preocupação do filósofo brasileiro. Este é o desafio que Reale deixou para as novas gerações: aprofundar este processo. Finalmente, considera-se que uma forma de continuar o projeto filosófico de Miguel Reale é usar as descobertas da analítica existencial (finitude, corporeidade, singularidade existencial, capacidade de pensar e escolher com base em valores, comunicação com o outro, etc., enfim tudo que garante e sustenta a existência concreta) para identificar e corroborar o valor do homem.

2. Ética: conduta orientada para o bem como valor

O homem pode autotranscender porque pode escolher. Escolhe-se ir ou não a um lugar, que profissão seguir, se se deve oferecer o lugar na fila à pessoa idosa ou o modo de responder. O fato de que nossa vida é feita de escolhas nos coloca diante do desafio de entender a ação humana

considerada genericamente na relação com tudo o que nos cerca. É o que explica Miguel Reale em *Experiência e Cultura* :

Quando Husserl nos apresenta a consciência intencional como atividade transcendental e constituinte de tudo o que nos cerca, desde o mundo do viver espontâneo não-predicativo, até as mais elevadas formas de saber científico ou filosófico, mister é reconhecer que, em todos os domínios da experiência, assim do ser como do dever ser, há a presença de um ato valorativo condicionante operando na captação seletiva do real (REALE, 2000, p. 196).

A citação acima mostra que as escolhas são, para Reale, guiadas por valores, ao que se acrescente: o assunto não se esgota na análise científica, mas é objeto da axiologia, ou da Filosofia, segundo afirma em *Introdução à Filosofia*:

O problema do valor do homem como ser que age, ou melhor, como o único ser que se conduz, põe-se de maneira tal que a ciência se mostra incapaz de resolvê-lo. Este problema que a ciência exige, mas não resolve, chama-se problema ético, e marca momento culminante em toda verdadeira filosofia. (*Idem*, 1989, p. 25).

O que é o valor? Para Reale, resume-se em *Ética* (2010): “é o que constitui o ser de certos objetos” (CARVALHO, 2010, p. 115). Nem todos os valores, esclareça-se, são de natureza ética. Apenas quando o valor que guia as escolhas pode ser denominado *bem* entramos nesse universo. Esta forma de tratar o problema significou importante mudança na compreensão da ética, explicou Reale (2003): “Grande passo deu o conhecimento humano, (...), quando passou de uma ética deontológica do bem (objeto final da conduta ética) para a teoria dos valores, condições transcendentais de todas as objetivações intencionais do espírito” (REALE, 2003, p. 5). Isto significa que a escolha entre beber refrigerante ou café se pauta por um valor, mas este valor não é moral. Uma escolha diversa, falar a verdade, por exemplo, é um tipo de escolha que envolve o valor moral, uma vez que mentir é um mal e sua prática inviabiliza a vida social.

O estudo sobre o modo de ser do homem implica, portanto, no exame dos valores. Isto significa que a ética culturalista está ao lado de uma ontologia que pretende desvendar o ser do homem. Miguel Reale indica que a vida pessoal é singular (além dos componentes biológicos e históricos) também devido ao tipo de valor que a guia:

Cada homem é guiado em sua existência pelo primado de determinado valor, pela supremacia de um foco de estimativa que dá sentido à sua concepção de vida. Para uns, o belo confere significado a tudo quanto existe, de maneira que um poeta ou um escultor, por exemplo, possui uma concepção estética, e outros ainda são levados a viver segundo uma concepção utilitária e econômica à qual rigidamente se subordinam (*idem*, p. 27).

O estudo dos valores é matéria da *Axiologia*, mas depende das condições do conhecimento. Ao conhecer o homem emprega o pensamento crítico e ele depende dos valores, como dissemos acima. É esta a razão pela qual a questão dos valores remete às condições ontognoseológicas. O assunto será exposto na teoria dos objetos que resumiremos a seguir.

3. Os objetos ligados a valores e sua caracterização

Miguel Reale considera os valores um tipo especial de objeto da consciência. Trata-se de posição singular diante da divisão tradicional em objetos naturais e ideais, os primeiros estudados pelas ciências e, os demais, compreendendo o todo da criação humana. Essa subdivisão pareceu-lhe insuficiente quando surgiram as ciências humanas e sociais, incluído o Direito e foi necessário ampliar a classificação dos objetos da consciência construindo uma nova teoria. Vejamos a resposta que deu a este desafio.

3. 1. Teoria dos objetos de Miguel Reale

Miguel Reale trata de forma separada os objetos ligados aos valores. Eis o que pensa à respeito: nossa consciência organiza o mundo em setores. Nisso está próximo da ontologia fenomenológica de Hartmann, embora os setores sejam diferentes. Pode-se nele identificar três setores e não apenas dois, como acreditaram os empiristas e lógicos modernos. E aqui desenvolve uma noção sutil de experiência que se mostra nesses três setores, com os quais a consciência pensa o mundo. O primeiro setor é formado pelos objetos naturais e são objetos das ciências da natureza. O outro é campo de indagação da lógica ou matemática e trata dos objetos ideais cuja validade não depende de comprovação empírica e cujas ideias não estão no espaço e tempo. Além deles há um terceiro segmento, formado pelos objetos culturais, como se lê em *Etapas do pensamento ontognoseológico de Miguel Reale*:

os objetos culturais ajudam a entender o modo humano de ser. Fazem-no primeiro porque explicam a singularidade do tempo histórico penetrado pelo conteúdo axiológico, e também porque ao focar a experiência dos valores aponta para sua importância nas escolhas e seleções que fazemos (CARVALHO, 2011, p. 29).

Os valores pertencem, portanto, a um tipo especial de objeto da consciência, os culturais. O que caracteriza os valores é que eles são enquanto devem ser, isto é, possuem uma forma de existência singular e diferente dos objetos naturais e ideais.

3. 2. Características dos valores

A caracterização dos valores é importante contribuição do filósofo para a Axiologia. Para ele, os valores aparecem na história e são reconhecidos pela sociedade em criações específicas

como filosofias, religiões, normas legais, etc. Esta forma de explicar a gênese dos valores ele denominou *historicismo axiológico*. O que o conceito significa? Que os valores adquirem no tempo validade universal e se tornam referência a partir de então. Tornam-se *invariantes axiológicos*, isto é, passam a ser reconhecidos como, ele diz: “valores fundamentais e fundantes que guiam os homens, ou lhes servem de referência em sua faina cotidiana” (REALE, 1991, p. 131). Os valores são objetivos e a sociedade elege aqueles que constituem o núcleo axiológico. O que é este núcleo? É o conjunto de valores nucleares que distinguem determinada cultura, pois eles se tornam referência para as ações conjuntas dos seus membros. Outros valores não têm o mesmo peso e formam uma hierarquia diferente nos indivíduos singulares. Conforme se indicou no item anterior ao mostrar que valores estéticos, econômicos ou espirituais possuem peso distinto para as pessoas, Reale mostra que há um enorme espaço para a singularidade existencial conforme eles estejam organizados.

Os valores são descobertos num certo tempo e a partir do reconhecimento tornam-se objetivos. Eles existem independentemente do sujeito, mas precisam dele para serem reconhecidos. Identificada a origem dos valores vejamos como caracterizá-los. A sua característica fundamental é a *bipolaridade*. E o que é isto? *Bipolaridade* é a dupla implicação presente no valor, por exemplo, quando se pensa algo que é correto, leva-se em conta o que é incorreto, não se pode pensar o que é lícito sem tratar do ilícito. Pensados aos pares, os valores se implicam mutuamente sugerindo esta outra característica: *a implicação*. Há ainda outras características, a saber: a *referibilidade*, pois o valor se refere a um sujeito; a *preferibilidade*, porque eles se mostram numa ordem hierárquica de preferência. O valor é, ainda, *objetivo*, refere-se ao objeto, é *histórico*, já que é reconhecido no tempo e *inexaurível*, pois uma vez reconhecido não acaba. Em resumo, o valor não é um ser, ele vale; não é espacial, mas é temporal e não se esgota nos objetos ideais. O valor existe nas coisas, que são reconhecidas valiosas e se situa na ordem do dever-ser. Ele não é um *fato*, mas é necessário para avaliá-los.

Os valores servem de referência para as escolhas e o processo é dificultado nas crises da civilização. Num momento de crise os valores nucleares ficam preservados, mas sua compreensão pode se modificar e os muitos dos outros valores podem ficar sob suspeita. Os valores nucleares são inesgotáveis.

4. Crise de civilização e a referência cultural

O século XX viveu intenso processo de mudanças sentidas pelos filósofos como crise de civilização. O homem muda no tempo. *A peste* (1947), romance de Albert Camus, mostra de modo metafórico, como mudanças profundas numa sociedade surgem como crise. Na história de Camus, uma cidade entra em decadência quando ali é descoberta a peste, certezas e modos de vida são abalados. Da crise de civilização do último século fez parte: os riscos da hecatombe atômica, as dificuldades econômicas que se seguiram à queda da bolsa de Nova York, de 1929, a ameaça para

os Estados livres representada pelos totalitarismos nazista, fascista e comunista, as duas guerras mundiais: a 1914-1919 e a de 1939-1945 com suas consequências. De quais consequências falamos? Da Guerra Fria, do aparecimento de uma nova família (com novos focos de tensão entre pais e filhos, a necessidade de um tempo mais longo para a educação formal do jovem, menos tempo de convívio familiar, ingresso da mulher no mercado de trabalho, crescente planejamento familiar, reconhecimento do divórcio como legítimo, novos casamentos e união civil de pessoas do mesmo sexo). Deve-se mencionar ainda: o consumo crescente de bens culturais, o despertar das nações menos desenvolvidas do planeta com sua aspiração desenvolvimentista, guerras étnicas, acirramento do fundamentalismo religioso associado ao terrorismo e o aumento crescente da violência nas cidades do mundo. Nota-se despreocupação com questões ligadas à singularidade existencial e ausência de sentido meditado para a vida. As pessoas parecem guiar-se pelo gozo imediato e irresponsável sem análise das consequências do que fazem, isto é, elas não reconhecem valores que as gerações anteriores acreditavam inquestionáveis.

A crise de civilização, lembra Reale, agravou-se devido a solução marxista dos problemas humanos que simplificou a questão, pois era, diz Reale em *Liberdade e Democracia* : “unilateral ou monocórdia dos problemas existenciais” (*Idem*, 1987, p. 4). A mistura de materialismo dialético e psicanálise reduzindo os problemas íntimos aos recalques produzidos pela sociedade burguesa, eliminou a liberdade interior deixando sem análise adequada as dores existenciais das quais não temos como nos livrar e que se agravam nos momentos de crise. Como se diz em *Miguel Reale: ética e filosofia do direito*, lembrando análise de Braz Teixeira do assunto: “estas dores se dão na insuperável solidão ontológica de nossa vida e pela condição temporal em que se desenrola nossa existência” (CARVALHO, 2011, p. 62).

A perda da liberdade também alcançou a esfera coletiva como diz Reale em seus *Escritos Políticos*:

Apareceram então, como sói acontecer nos períodos de crise, os gênios anunciando a morte da liberdade. Uma fórmula insinuante foi logo criada para encobrir a realidade de mil motivos religiosos, políticos, etc. “o grande morto da guerra foi a liberdade”. Os ditadores europeus e americanos parecem lhe dar razão (...). A reação liberal porém já se iniciou (REALE, 1983, p. 10).

Os governos totalitários não levaram em conta “a preservação dos valores da pessoa e da subjetividade” (*ibidem*, p. 5), além de não tratar dos limites e sofrimentos humanos dos quais a morte, disse Reale, anos mais tarde no contexto da perda da esposa querida, é o melhor exemplo como diz em *Variações*:

Por outro lado, a morte, que constitui uma fratura na teia de nossos sentimentos, ensina-nos a ver o mundo com outros olhos. Aprende-se a viver com lágrimas nos olhos quando menos se espera, ao acontecer

algo, por ínfimo que seja capaz de suscitar uma lembrança. Surge uma vida substancialmente dupla, uma perdida de preocupações da existência (...) outra presa a uma visão transcendental (*Idem*, 1999, p. 187).

O texto de Reale, no espírito da fenomenologia existencial, destaca a tensão entre a experiência do mundo e a expectativa da transcendência, o que não significa inclusão de temas religiosos na meditação, mas liberdade de mudar o futuro ou existência singular com consciência transcendental, como ensinava Karl Jaspers com o conceito de englobante. Jaspers escreveu na *Iniciação Filosófica* que o englobante (1987): “é aquilo que apenas se anuncia no que é pensado. É aquilo que não surge, mas de onde tudo o mais surge” (JASPERS, 1987, p. 29).

Quanto à tensão mencionada por Reale ela traduz a preocupação da fenomenologia-existencial como lembra Roger Garaudy em *Perspectiva de Homem* onde recordou palestra de Nicolai Berdiaev na *Sociedade Francesa de Filosofia*:

Berdiaev, (...), colocou claramente o problema. A filosofia torna-se cada vez menos existencial quando o filósofo passa da subjetividade para a objetividade. E mantém-se existencial se o filósofo passa da subjetividade para a transcendência (GARAUDY, 1966, p. 54)..

E como se estabelece a tensão entre subjetividade e transcendência Reale esclarece em *Cinco temas do culturalismo*: “Nesses termos, o estar do *Dasein* no mundo corresponde a estar no mundo da cultura, o que implica o superamento da teoria lógico-abstrata de conhecimento para situá-lo no plano histórico-cultural” (REALE, 2000, p. 32).

Trata-se de nova leitura da intencionalidade objetivada de Edmund Husserl. Ela possui nova configuração epistemológica superando a consciência pura da subjetividade cartesiana. A intencionalidade da consciência fornecida pela fenomenologia na direção existencialista situa o sujeito na realidade concreta e histórica onde ele deve construir uma razão para viver.

Miguel Reale completa a compreensão de Kant e Husserl com o *a priori* cultural que é condição de objetivação e comunicação entre pessoas, sendo o processo responsável por ordenar o mundo disperso e confuso das impressões sensoriais. É por conta da objetivação que é possível mergulhar no íntimo da consciência e objetivar valores no universo social. O *a priori* cultural é uma forma de aprofundamento da consciência transcendental, pois enquanto o que é conhecido não se torna objeto cultural não é possível estabelecer relação com outros homens, incluídas as regras de conduta.

5. O valor de referência e a cultura

Apesar da crise de civilização reconhecida por muitos pensadores, Miguel Reale considera que pessoa permanece o valor de referência. A pessoa humana é o maior, pois é fonte dos demais. O

homem enquanto fonte de valor é pessoa e como pessoa faz escolhas com base nos valores. O que Reale só reconheceu mais ao final da vida é que o próprio valor depois de reconhecido permite aprofundamento. Como isto ocorre? Vejamos um exemplo: a opção sexual. Em outros tempos a opção sexual era associada à condição biológica (natural) da pessoa. Em nosso tempo sabe-se que identificação sexual é mais que uma questão biológica. No entanto, admitir e conviver com isto não afeta a dignidade do homem, ao contrário, a qualifica. Em outras palavras, o homem permanece o valor fundamental mesmo quando se entende que a opção sexual desenvolve-se na história de vida da pessoa e não é exclusivamente biológico. Assim novos aspectos associados à compreensão do valor podem qualificá-lo. O valor reconhecido permanece, mas posso aperfeiçoar seu entendimento.

Por que a pessoa é o valor, central, fundamental ou fonte? Por que os demais valores dependem dele. Esclarece Reale: “O homem é o valor fonte de todos os valores porque somente ele é originariamente um ente capaz de tomar consciência de sua própria valia (...) mediante e através da experiência histórica” (*Idem*, 1991, p. 141). A pessoa humana conhece as razões da sua ação e pode dar rumo próprio à vida, guiando-se pelos valores. Por isto é o maior valor, é um valor que se reconhece como tal (em si e nos outros). Fica resolvida assim a dúvida apontada por H. T. Engelhardt Jr. em *Fundamentos de Bioética* que “nem todos os humanos são pessoas” (ENGELHARDT, 1998, p. 174). Todos os homens são dignos, pois podem reconhecer o valor nos outros ou ser por eles reconhecidos. Assim é possível pensar um sentido para a vida, inserindo a existência singular nos limites estabelecidos pelos valores. Miguel Reale aponta mudanças que o reconhecimento do valor da pessoa obriga em nossos dias: superar as desigualdades perante as leis, vencer a discriminação das minorias, reduzir as diferenças de oportunidade no estudo e trabalho, integrar a mulher no mundo do trabalho e estudo e construir uma sociedade livre, mas menos desigual.

5. 1. Autenticidade, escolhas e valores

Um aspecto importante da condição pessoal é entender que a vida do homem se define pelas escolhas e valores que as orientam. São muitos os valores que guiam as escolhas entre os quais: sensíveis, vitais, espirituais (estéticos/cognitivos), econômicos, políticos, úteis, religiosos, etc. Conforme o peso atribuído a cada um e às infinitas combinações que permitem, as escolhas formarão uma ordem hierárquica. Miguel Reale reconhecia em cada homem um propósito de autenticidade que significava manter-se fiel à própria organização de valores. Vida autêntica é a que se pauta pelas escolhas conforme a hierarquia de valores que o sujeito toma como referência para definir o que fazer. A hierarquia tem algo objetivo, mas comporta grande espaço para a singularidade. A construção de um sentido pessoal para a vida está envolvida numa atmosfera axiológica guia das escolhas. Dito de outra forma em *Contribuições*: “Fazer-se homem possui um componente moral” (CARVALHO, 2001, p. 183).

5. 2. Outros valores nucleares como referência na vida singular

Na construção do sentido da vida, além dos valores adotados pelos indivíduos, há ainda os valores nucleares da cultura. O mais importante é a pessoa humana, mas Miguel Reale também destaca outros valores com amplitude social: a democracia liberal (respeitadora da liberdade), o estado de direito (guiado por leis objetivas e justas) e a ecologia (guiada pelo equilíbrio natural que sustenta a vida). A vida coletiva numa sociedade complexa e plural deve ser vivida em clima de aceitação das diferenças, conforme os valores adotados pelas pessoas, mas balizada por valores comuns. No que se refere ao valor ecológico, ele representa nova atitude do homem diante da natureza, a saber, um compromisso com as condições que preservam a vida, em especial a do homem. Já dissemos que os valores uma vez reconhecidos não podem mais ser desprezados, mas podem ser qualificados. Naturalmente, ele poderá ser desrespeitado, o que sempre é possível. Sobre a universalização dos valores explicou Reale em *Cinco temas do culturalismo*:

Ademais, no perene processo de autoconsciência cultural, que confunde com a procura permanente da verdade, atingimos dois pontos decisivos do conhecimento, o primeiro dos quais é o de que existem certos valores que, uma vez revelados ou conquistados, tornam-se patrimônio irrenunciável da espécie humana para todo o sempre, como é o caso do valor da pessoa humana e dos que dele decorrem: são as invariantes axiológicas, que podem sofrer oscilações de sentido ao longo do tempo, mas que, em sua essência, constituem aquisições históricas definitivas, marcos indelévels de nosso constante caminhar (REALE, 2000, p. 23/4).

Uma vez reconhecidos os valores centrais continuam sendo referência, em tempos de calma e servem de referência nas crises históricas.

6. Considerações finais

O desafio deixado pela ética realiana é aprofundar a relação entre a vida pessoal, tratada na experiência da parte subjetiva dos valores com a noção de cultura, entendida como expressão de valores universalmente estabelecidos. São os valores nucleares da cultura que fornecem referências para as ações. Entender a relação entre vida singular e cultura parece o desafio que Miguel Reale deixou para a nova geração de culturalistas, como mostramos em artigo da *Revista Portuguesa de Filosofia*:

Aproximar o significado de vida única cuja experiência é a da fenomenalidade, mas que é uma jornada que não termina no fato positivo, pois se vive com os olhos virados para além do imediatamente experimentado. O mundo particular de cada homem mergulhado num *a priori* cultural é o ponto de partida para voos distantes em direção a um horizonte axiológico em permanente aperfeiçoamento. Eis aí o fundamental do culturalismo, o que guia

como transcendência são valores construídos na história e reconhecidos pelas gerações como exigências válidas (CARVALHO, 2011, p. 268).

A fórmula, ainda que provisória, para tratar o sentido pessoal da vida, tendo por referência os valores nucleares da cultura, é fazer desses valores o contorno intransponível da vida singular. Desse modo, a ordem de valores pessoais que fazem das escolhas dos indivíduos uma história única e singular, conforme o peso que ele atribua aos valores sensíveis (agradável/desagradável), vitais (saúde/doença) espirituais (estéticos/cognitivos), econômicos, políticos, utilitários, religiosos, etc. somada ao compromisso íntimo de respeitar tais valores, fica delimitada pelos valores nucleares da cultura com reconhecimento universal. Os valores pessoais fica circunscrito pelos valores nucleares da cultura. Desse modo a procura do sentido pessoal para a vida em meio a escolhas que fazem única a existência terá os valores da cultura como referência última em tempos de calma ou crise.

Logo, mesmo que as escolhas pessoais sejam afetadas por mudanças na hierarquia dos valores subjetivos, pelos dramas pessoais ou crises de civilização, os valores estruturantes da cultura funcionarão como exigência absoluta para a vida pessoal. Nos valores nucleares e no esforço de qualificá-los fica assegurada a condição de funcionários da cultura de que falava Husserl. Os valores nucleares deixam livre o espaço interno para a construção do sentido pessoal, mas fornecem limite para as ações.

Em *O homem e a Filosofia* se mostra esse sentido de existência situada na cultura proposto por Miguel Reale, levando adiante sua intuição. Olha-se o mundo humano como um estar-em-si e um voltar-se para fora, que se exprime na singularidade existencial e no viver no grupo cultural. Entende-se esse estar em grupo como expressão de valores apreendidos e objetivados conforme ensinava Reale, mas a vida singular se consolida em atitudes, pensamentos, crenças, emoções e muitos outros aspectos descritos pela fenomenologia existencial. São tais aspectos que fazem da existência uma realidade que transcende os valores singulares e a hierarquia neles estabelecida, ampliando e enriquecendo a noção de subjetividade mencionada por Reale.

Assim, ampliando-se o pensamento de Reale, a tensão entre subjetividade e transcendência descrita pela fenomenologia existencial encontrará como complemento valores que guiam as escolhas pessoais e valores nucleares da cultura. Tratando assim a singularidade existencial leva-se adiante o propósito de Reale. Como explicamos em *Miguel Reale: ética e filosofia do direito*:

O que as considerações de Reale sobre a existência e a cultura sugerem? Que esses temas podem ser mais bem avaliados quando considerados em mútua implicação. Essa é a forma como nosso pensador aborda a subjetividade situada. Tratar os limites do homem e elaborar o significado da circunstância que o envolve é tratar do contorno de onde o existente faz o seu mundo. Essa é a forma como ele considerou a questão da existência e do seu conhecimento. A novidade das considerações é o reconhecimento de que o homem se faz, e, em se fazendo, objetiva valores e cria cultura. Ele muda a

natureza a sua volta e transfere para o seu entorno sua historicidade (Idem., 2011, p. 63).

Em síntese, o sentido de vida pessoal ganha em compreensão no confronto com o horizonte da cultura quando incorpora elementos da subjetividade fenomenológica como se procura explicar em *O Homem e a Filosofia*. Os valores estão na cultura, mas não se impõem sem a adesão pessoal e mesmo quando ela existe não esgota a construção do sentido da vida. Mesmo funcionando como referência, como disse Reale, além de conjecturar sobre o transcendente, a existência permanece aberta como possibilidade de resignificar o futuro em meio aos limites que o homem não pode superar.

Referências:

CARVALHO, José Maurício de. *Contribuições contemporâneas à história da filosofia brasileira*. 3. ed. ampliada. Londrina: EDUEL, 2001.

_____. *Ética*. São João del-Rei: UFSJ, 2010.

_____. Momentos fundamentais e novos desafios do culturalismo brasileiro. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Braga, 67 (2): 255-274, 2011.

_____. *Miguel Reale; ética e filosofia do direito*. Porto Alegre: Edipucrs, 2011.

_____. Etapas do pensamento ontogenesológico de Miguel Reale. In: TEIXEIRA, A. B., EPIFÂNIO, R. e CUNHA, R. S. *Atas do IX Colóquio Tobias Barreto*. Lisboa: Instituto de Filosofia Luso-Brasileiro, 2011.

ENGELHARDT JR., H. T. *Fundamentos de Bioética*. São Paulo: Loyola, 1998.

JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987.

REALE, Miguel. *Escritos políticos*. Brasília: Editora da UnB, 1983.

_____. *Liberdade e Democracia*. São Paulo: Saraiva, 1987.

_____. *Introdução à Filosofia*. 2. ed., São Paulo: Saraiva, 1989.

_____. Invariantes axiológicas. In: *Estudos Avançados*. São Paulo: USP, 5 (13): 131-144, set./dez. 1991.

_____. *Variações*. São Paulo: GDR, 1999.

_____. *Cinco temas do culturalismo*. São Paulo: Saraiva, 2000.

_____. *Experiência e cultura*. 2. ed., Campinas: Bookseller, 2000.

_____. *Filosofia e teoria política*. São Paulo: Saraiva, 2003.

The culturalist ethics of Miguel Reale

Abstract: In this study we examine the fundamental moments of Brazilian culturalism. Indicates its origin in overcoming from positivism and the link with the movement to overcome the German neo-Kantianism. It points out, then the main representatives of the movement in the country and their most important theses. Concludes with an indication of the current challenges of culturalism.

Keywords: Culturalism; issues; Authors; Theses; Challenges.

Data de registro: 31/05/2013

Data de aceite: 23/08/2013